



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**AS MULHERES SOB O REGIME DE SOMOZA E NA REVOLUÇÃO SANDINISTA: UM
ESTUDO A PARTIR DA OBRA A MULHER HABITADA, DE GIOCONDA BELLI**

GILMARA GABRIELA DE CRISTO FERNANDES

Brasília, 2018

GILMARA GABRIELA DE CRISTO FERNANDES

**AS MULHERES SOB O REGIME DE SOMOZA E NA REVOLUÇÃO SANDINISTA: UM
ESTUDO A PARTIR DA OBRA A MULHER HABITADA, DE GIOCONDA BELLI**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel/licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal

Brasília, 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente minha família por todo apoio, carinho e cuidado. Agradeço a minha mãe Norma Lúcia de Cristo Fernandes e minha irmã Ana Carolina de Cristo Fernandes por ser minha referência de força e coragem. Ao meu pai Gilmar Fernandes e o meu irmão João Victor de Cristo Fernandes pela ternura e por me ensinarem a não desistir. A minha família que tanto amo, e que esteve presente nos momentos mais difíceis, meu profundo agradecimento.

A todas minhas amigas e meus amigos, desde escola até a universidade. Em especial a Vitória Beatriz, Juliana Silva, Ana Beatriz Sales que tornaram os dias da graduação mais leves, felizes e possíveis.

A todos meus professores e professoras, do ensino primário até a educação superior, que me inspiram a cursar licenciatura. Agradeço a professora Adrianna Cristina Lopes Setemy pelos conselhos e ensinamentos. Ao professor orientador, Carlos Eduardo Vidigal pelo apoio, paciência e disponibilidade em orientar este trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	04
INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO 1:	
O contexto revolucionário dos anos 1960 e 1970.....	09
CAPÍTULO 2:	
As mulheres, a ditadura de Somoza e a Revolução Sandinista na Nicarágua.....	19
CAPÍTULO 3:	
As mulheres a partir da obra A mulher habitada, de Gioconda Belli.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

RESUMO: A Nicarágua durante a segunda metade do século XX esteve sob um regime ditatorial. Através da obra “A mulher habitada” a autora Gioconda Belli narra esse acontecimento a partir da perspectiva de uma mulher. Este trabalho é um estudo a partir da análise das representações contidas na obra sobre as mulheres durante a ditadura somozista na Nicarágua. Assim como compreender, como ocorreu o processo de mobilização política dessas mulheres e investigar a importância dessa obra que retrata as mulheres como protagonistas desse processo. Por último, explorar em que medida essa narrativa é uma forma de não esquecimento da atuação das mulheres durante a Revolução Sandinista.

Palavras-chave: Mulheres, Ditadura, Revolução Sandinista, Literatura, Memória.

INTRODUÇÃO

A ditadura na Nicarágua teve início com o golpe de Estado dado por um chefe da Guarda Nacional, Anastasio Somoza em 1936. A dinastia Somoza ocupou o poder na Nicarágua durante mais de 40 anos, até 19 de Julho de 1979, quando tropas da Frente Sandinista de Libertação Nacional - FSLN, ocuparam as ruas de Manágua, capital da Nicarágua para depor o regime. Esse acontecimento ficou conhecido como a Revolução Sandinista, e contou massivamente com a participação de mulheres.

As mulheres sandinistas exerceram funções de comando durante todo o processo revolucionário que ocorreu na Nicarágua dos anos de 1970. Elas participaram de importantes operações como a tomada do Palácio Nacional em 1978 e lideraram as tropas que adentraram em Manágua em Julho de 1979. Elas ocuparam as mesmas funções - combatentes, comandante (a) guerrilheiro (a). Uma mulher sandinista integrava as primeiras fileiras da resistência ombro a ombro com os homens. Porém, ainda é pouco conhecida essa atuação, sendo que o intuito desse trabalho foi de conhecer como ocorreu a participação das mulheres na Revolução Sandinista e de compreender as causas que motivaram as mulheres a ingressarem nos movimentos de oposição a ditadura.

O romance histórico “A mulher habitada” de Gioconda Belli narra a história de quatro mulheres durante o regime ditatorial da Nicarágua. As personagens Lavínia, Lucrecia, Sara e Flor, todas de respectivas classes sociais diferentes, tem percepções distintas do governo tanto quanto de seus papéis na sociedade enquanto mulheres. Nesse sentido, a obra relaciona a questão pessoal em relação aos papéis historicamente relacionados aos homens e as mulheres, com a conjuntura política e a derrubada do regime ditatorial. O movimento sandinista considerava que a construção de um novo regime também passava pela construção de um novo homem e uma nova mulher, e que com a revolução realizada as relações de gênero também seriam profundamente alteradas.

O primeiro capítulo é uma apresentação do contexto revolucionário dos anos de 1960 a 1970, que foi marcado como um período da radicalidade política. Os ideais que motivaram as esquerdas dos países latino-americanos, bem como os sonhos e as utopias, que formaram os grupos que fizeram oposição aos regimes ditatoriais. Inspirados pela Revolução

Cubana de 1959, esses movimentos tinham como objetivo a derrubada da ditadura e a construção de um governo revolucionário. A formação da Frente Sandinista de Libertação Nacional - FSLN, que liderou a revolução popular que derrubou o regime de Somoza em 19 de julho de 1979, teve grande influência da Revolução Cubana. Segundo Matilde Zimmerman Carlos Fonseca, fundador da FSLN, viajou para Havana e durante sua visita começou a planejar uma revolução na Nicarágua a partir do exemplo cubano (ZIMMERMANN: 2006, p. 43). A formação do movimento revolucionário da Nicarágua então se espelhou no processo revolucionário de Cuba, nas lutas contra imperialismo e contra a dominação norte-americana conjuntamente com a luta antioligárquica. Em que o objetivo desse movimento era: a derrubada da ditadura e a construção de um governo revolucionário, assim como ocorreu em Cuba em 1959. A discussão do primeiro capítulo, portanto, é sobre a formação do movimento sandinista a partir do contexto revolucionário de 1960 a 1970.

O segundo capítulo aborda a respeito de como as mulheres participaram do processo revolucionário de 1979. Através das organizações de mulheres, elas denunciaram os crimes cometidos pelo governo ditatorial e lutaram por seus direitos sociais e políticos. Ao final da década de 1960 o número de mulheres clandestinas na FSLN aumentou consideravelmente (ZIMMERMANN: 2006, p.55). Ainda que inicialmente, a posição dessas mulheres foi muito ligada às tarefas domésticas (ZIMMERMANN: 2006, p.55), esses papéis foram modificados à medida que elas ocuparam outros espaços dentro da organização, como de lideranças nos comandos. Como ainda é mencionado por Zimmermann que “muitos heróis da Revolução Sandinista foram heroínas” (ZIMMERMANN: 2006, p.55). Portanto, o segundo capítulo trata de como as mulheres estão inseridas na revolução e como o próprio contexto revolucionário transformou as relações entre homens e mulheres da Nicarágua.

O terceiro capítulo é uma análise da obra “A mulher habitada” de Gioconda Belli, como ela constrói uma narrativa literária sobre esse período marcado pela radicalidade política e por um profundo ideal de transformação da sociedade. Não somente no que diz respeito à dimensão política, mas também das próprias relações sociais, principalmente das mulheres são representadas na obra. Logo, essa literatura apresenta não somente o que os militantes pensavam sobre a ditadura, mas também os demais grupos e atores sociais que vivenciaram esse período. Além disso, a obra também é uma tentativa de apresentar uma

narrativa do passado a partir da história contada por uma mulher que testemunhou a ditadura de Somoza e integrou a FSLN. Sendo que após a derrubada da ditadura, Gioconda Belli atuou politicamente no governo revolucionário, até se dedicar exclusivamente a carreira literária.

Gioconda Belli é uma escritora nicaraguense que durante a ditadura de Somoza na Nicarágua, fez parte da oposição ao regime e ingressou na Frente Sandinista de Libertação Nacional. Foi membro da FSLN até 1993, onde deixou o movimento que se tornou um partido político que disputou as eleições presidenciais na Nicarágua em 1989, dez anos após o processo revolucionário. Sua primeira obra *Línea de Fuego* é uma coleção de poesias em que retrata temas como a guerra, a força da mulher, a natureza nicaraguense e mistura suas experiências enquanto militante do movimento sandinista (CROGUENNEC-MASSOL: 2016, p. 34). Em 1989 a autora escreve seu primeiro romance histórico, intitulado como *La mujer habitada*. A obra narra a história de uma jovem que ingressa no Movimento de Libertação Nacional para lutar contra o regime ditatorial em seu país.

Através da leitura do romance histórico “A mulher habitada”, Gioconda Belli, surgiu o interesse em pesquisar sobre as mulheres durante a Revolução Sandinista na Nicarágua. Inicialmente, três perguntas foram levantadas, sendo essas perguntas que orientaram a pesquisa realizada nesse trabalho. A primeira pergunta é em como é representada a vida das mulheres durante a ditadura somozista na Nicarágua? De que forma a ditadura é percebida por mulheres de classes sociais distintas. A segunda pergunta é como a obra narra o que motivou essas mulheres a engajarem-se politicamente? Além da busca pelos direitos sociais e políticos, que outras motivações essas mulheres tiveram ao ingressarem no movimento sandinista. A terceira é em medida a obra pode ser considerado um relato das experiências da própria autora enquanto militante da FSLN?

Desse modo, se pode dizer que esse passado narrado pela autora é acessado por meio das memórias individuais, que são elaboradas a partir experiências referentes a um grupo, pois a memória individual está situada em uma memória coletiva, como afirma Maurice Halbwachs (HALBWACHS: 1990, p. 54). Nesse sentido, a obra seria uma forma de transmissão das experiências da autora sobre esse período. Sendo que a produção de uma narrativa literária como forma de relatar as experiências individuais e coletivas, é uma forma

de representação das práticas presentes no cotidiano das mulheres que participaram direta ou indiretamente da Revolução Sandinista.

A produção de uma obra literária a partir das memórias de uma mulher que participou processo revolucionário na Nicarágua, apresenta também uma tentativa de não esquecimento da atuação das mulheres que formaram a resistência ao regime ditatorial. Posto isso, esse trabalho é um estudo sobre a obra “A mulher habitada” de Gioconda Belli, analisando as representações produzidas pela autora para narrar a vida das mulheres durante a ditadura somozista na Nicarágua. Analisar também em que medida essa obra contribuiu para a construção de uma imagem da mulher nicaragüense durante esse período.

CAPÍTULO 1

O contexto revolucionário dos anos 1960 e 1970

A segunda metade do século XX foi permeada por revoltas populares que eclodiram em diferentes países. O êxito da Revolução Cubana (1959) despertou em demais organizações políticas de esquerda nas regiões da América Latina, principalmente nos países que viviam sob regime ditatorial, o grande sonho revolucionário. A base do projeto político desses grupos consistia na busca pela transformação social, política e econômica por meio do poder popular. As chamadas pautas identitárias, “(...) como o movimento de mulheres, diferentes vertentes do movimento negro, o movimento gay, de índios, de imigrantes etc” (ARAÚJO:2000, p. 43) constituíram uma nova forma de mobilização política, o que alguns teóricos chamaram de *New Left*¹, a nova esquerda que surgiu nas décadas de 1960 e 1970 (ARAÚJO:2000, p. 38).

Essa nova esquerda, caracterizada, por assim dizer, por uma forte presença dos grupos até então considerados como “minoritários”, parte da ideia de que a transformação social ou a revolução deveria ser realizada pelas bases - seja pelos movimentos de trabalhadores do campo ou pelos trabalhadores da cidade. Ainda que houvesse a contribuição de outros setores da sociedade, como participação de estudantes universitários, da Igreja² e de intelectuais, essa luta deveria ser protagonizada por quem estava exposto diretamente a essas opressões. Nesse sentido, o ideal revolucionário dos anos de 1970 foi formulado através de três perspectivas: a participação popular direta, a valorização dos sujeitos e radicalismo político.

Ao final dos anos 1960 e começo da década de 1970 é marcado pela a formação de uma esquerda voltada para as pautas regionais, pautas identitárias e para a radicalidade política (ARAÚJO: 2000, p. 43) do que uma esquerda tradicional limitada às discussões teóricas. Essas características são fundamentais para a compreensão dos ideais

¹ Termo utilizado por Maria Paula Araújo em: *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Capítulo 2: Novas esquerdas no mundo. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2000, p. 38.

² Surgimento da Teologia da Libertação, corrente libertária da Igreja Católica. A partir da realização do II Concílio do Vaticano e da Conferência dos Bispos de Medellín, realizado de 24 de agosto a 06 de setembro de 1968, na Colômbia. Contou com a participação do episcopado latino-americano que teve como princípio orientador para a Igreja a “opção preferencial pelos pobres”, sendo, portanto um dos marcos para a construção da Teologia da Libertação e que ganha repercussão nos países chamados de Terceiro Mundo. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/50-anos-de-medellin/>.

revolucionários que marcaram esse período e que motivaram o engajamento político da população, majoritariamente jovem. Nesse momento, o rompimento com setores mais conservadores, por parte da juventude dos partidos comunistas e socialistas, com as chamadas velhas práticas da esquerda tradicional marxista, ganham fôlego com os novos projetos e concepções políticas.

Segundo o historiador Leslie Bethell (BETHELL: 1996, p. 29) os movimentos populares foram agentes importantes na construção da democracia e o estabelecimento de direitos na América Latina. Devido à formação de grupos que reivindicavam direitos sociais, políticos e trabalhistas, que se organizaram através de sindicatos, partidos e movimentos estudantis com intuito de buscar a consolidação e a garantia desses direitos. Porém, com o estabelecimento das ditaduras militares, essa onda por direitos foi interrompida e antes mesmo de ser consolidada há uma ruptura democrática. Os partidos socialistas e comunistas são os primeiros postos na ilegalidade.

Na Nicarágua, houve um breve período de “tentativa de eleições” pela onda de democratização na América Latina após Segunda Guerra Mundial, mas que não durou muito tempo. A partir dessa onda democrática defendida pelo governo norte-americano, foram realizadas eleições. Porém as manifestações de oposição ao regime, assim como as reivindicações de eleições diretas, foram reprimidas pelo governo de Somoza. Como é representado na obra:

Houve uma época em que Lavínia pensou que as coisas podiam ser diferentes. Uma época de efervescência quando ela tinha dezoito anos e passava férias com seus pais. As ruas foram encontradas cobertas de cartazes e partidos da oposição. As pessoas cantavam a canção do candidato verde com um verdadeiro entusiasmo. Sulcavam ilusões de que a campanha eleitoral poderia resultar numa vitória da oposição. Todos os sonhos ficaram dispersos no último domingo da campanha. Uma grande manifestação percorreu as ruas pedindo demissão da família governante, a retirada do candidato do ditador. Os líderes opositores conclamavam aquela maré humana. Ninguém devia se mover. Ninguém devia ir para sua casa. Resistência pacífica contra a tirania. Até que os soldados começaram a descer pela avenida com seus capacetes de combate em direção ao grupo multicolor que se agitava estimulado pelos discursos. Não houve quem pudesse contar quando começaram os tiros, nem como apareceram as centenas de sapatos que Lavínia viu dispersos pelo chão enquanto corria em um estouro de cavalos desenfreados para onde sua tia Inês agitava as mãos e a chamava (BELLI: 2000, p. 22-23).

A tentativa de construção de um governo democrático, por meio da realização de eleições diretas, não foi bem vista pelo regime ditatorial. A manifestação popular em defesa do candidato verde, que representava a oposição foi mais um motivo para intensificação da política de repressão:

Essa noite, as famílias esperaram ansiosas escutando os tiros de franco-atiradores na noite. A madrugada amanheceu em meio a um silêncio pesado. Os rádios anunciaram que o candidato verde e seus colaboradores tinham se refugiado em um hotel e solicitado a proteção do embaixador americano. Falava-se em trezentos, seiscentos, incontáveis mortos. Nunca se saberia exatamente quantas pessoas morreram neste dia levando para o túmulo a última esperança de muitos por se libertar da ditadura. A repressão aumentou (BELLI: 2000, p. 22-23).

Em 1947 ocorreram as eleições na Nicarágua sob pressão dos EUA. Porém o candidato eleito Leonardo Arguello³ não se mostrou disposto a acatar as ordens da Guarda Nacional e vinte dias após a eleição, foi deposto por Somoza, que retorna ao poder. A partir disso, houve um entendimento de que somente a luta armada seria possível, como é mencionado no seguinte trecho, que retrata a mentalidade da época:

A partir daquele momento, tinham começados os impressos “Só resta a alternativa a da luta armada”. Impressos aparecendo furtivos por debaixo das portas. Grupos tomando quartéis afastados das cidades, nos povoados do norte; dizendo alentados discursos na universidade; o poder mais compacto e as mortes cotidianas de subversivos (BELLI: 2000, p. 22-23).

O acirramento das disputas comunistas e capitalistas foi marcado pela forte intervenção seja da URSS, seja dos Estados Unidos, o cenário se tornou mais complexo. Além da dificuldade em construir ou re-estabelecer governos democráticos nesses países, outro fator que influenciou esse processo foi a polarização entre ideias comunistas e capitalistas que se iniciou pós Segunda Guerra Mundial e se intensificou na Guerra Fria. Os Estados Unidos que até então não consideravam América Central e a América do Sul como uma preocupação ou uma ameaça, com a Revolução Cubana de 1959 passaram a ver esses territórios com outros olhos. Sendo, portanto, necessária a partir de então a contenção das ideias comunistas. Como é relatada por Bethell,

³ Foi um médico e político do partido Liberal, concorreu à presidência eleições em 1936 realizadas antes do golpe militar. Concorre novamente em 1947, é eleito, mas declara-se independente da Guarda Nacional em seu discurso de posse, o que causa incômodo em Somoza, que torna a dar outro golpe de estado, depondo o presidente. Disponível em: <http://www.nicaragua-actual.info/arguello.html>.

Nas novas condições da Guerra Fria, a luta contra o comunismo no mundo inteiro, sem exceção da América Latina, e a ameaça dos comunistas, (e por trás a União Soviética) supostamente representavam para os interesses estratégicos e econômicos dos Estados Unidos tinham inevitavelmente prioridade sobre os esforços em favor da democracia na América Latina. As democracias podiam [sic] serem ainda preferíveis à ditadura, teoricamente, mas se estas se revelassem [sic] mais eficiente na luta contra o comunismo (e mais amistosas para as empresas norte-americanas) poderiam ser preferíveis às democracias (BETHEL: 1996, p. 53).

Esse período foi marcado por uma forte influência norte-americana nas decisões políticas e econômicas dos países latino americanos. Fosse através das “democracias” que até então tentavam se consolidar fosse através dos governos ditatoriais, como no caso da Nicarágua. O comunismo na América Latina deixou de ser uma ameaça distante, para ser uma ameaça real para os EUA. Mesmo que, para conter essa ameaça comunista, a frágil democracia latino-americana fosse posta de lado para dar apoio aos governos ditatoriais, como de fato ocorreu.

Diante da fragilidade ou inexistência de vias democráticas e legais para o estabelecimento de reformas sociais, os setores mais progressistas, principalmente aqueles formados majoritariamente pela juventude, optam pela construção da nova esquerda, voltada para uma radicalidade política como alternativa. O que segundo Maria Paula Nascimento Araújo é um período marcado pelo:

Radicalismo versus imobilismo. Esta era a fórmula que traduzia o conflito durante a década de 1960, entre a esquerda tradicional e uma nova esquerda, alternativa e dissidente, que surgia em vários países do mundo ocidental, marcada, pelo menos num primeiro momento, por organizações e movimentos predominantemente por jovens universitários (ARAÚJO: 2000, p. 36).

Pode-se dizer que as preocupações centrais desses movimentos revolucionários nas décadas de 1960 e 1970 eram: a derrubada da ditadura e a construção de uma democracia direta. Conjuntamente a essas premissas, outras pautas centrais que antecedem esse período foram agregadas, no caso do movimento sandinista: como a luta anti-imperialista e anti-estadunidense.

Durante a década de 1920, o movimento de camponeses liderado por Augusto César Sandino, iniciou uma luta contra a intervenção norte-americana na Nicarágua. Sandino, como

popularmente ficou conhecido, foi uma importante liderança dos movimentos camponeses da Nicarágua na primeira metade do século XX. Ele defendeu um nacionalismo e patriotismo contra a dominação norte-americana na Nicarágua. Foi responsável pela formação do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua - EDSNN, em que assumiu o posto de Chefe Supremo da Revolução, e tinha como objetivo liderar a luta anti-imperialista e anti-estadunidense (SEBRIAN: 2016, p. 222). O exército liderado por Sandino expulsou as tropas “dos *marines*, soldados da marinha dos Estados Unidos (SEBRIAN: 2016, p. 208) em 1933”. À medida que esse movimento sandinista foi crescendo, o que proporcionou um sentimento de poder ao povo nicaraguense que passou a ser reunido em torno de uma luta contra o invasor (SEBRIAN: 2016, p. 222). Porém, a Guarda Nacional de Somoza também se fortaleceu e reprimiu cada vez mais esses grupos. Sandino foi assassinado por ordem do comandante da Guarda Nacional, em 21 de Fevereiro de 1934 (SEBRIAN: 2016, p. 225), numa emboscada.

Inspirados pelas ideias de Sandino, incorporando as estratégias inicialmente desenvolvidas por ele, a Revolução Cubana opta pela guerrilha rural e urbana, tornando-se referência para os demais movimentos da esquerda naquele período. Vinte anos após o processo revolucionário em Cuba, houve a Revolução Sandinista na Nicarágua inspiradas nos mesmos preceitos.

A primeira organização revolucionária que não estava ligada ao movimento estudantil, surgiu em 1961 período após a Revolução Cubana, foi o Movimento Nova Nicarágua (MNN) fundado por ex-integrantes dos movimentos estudantis Carlos Fonseca⁴, Tomás Borge⁵ e Silvio Mayorga⁶, conjuntamente com trabalhadores e dois militantes que combateram com Sandino (ZIMMERMANN: 2006, p. 46). Após um ano de formação desse movimento, o nome é alterado para Frente de Libertação Nacional (FLN), e a partir das

⁴ Carlos Fonseca Amador foi um dos fundadores da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Ainda na universidade, foi membro do Partido Comunista da Nicarágua e mostrou grande capacidade de liderança. Logo após o estopim da Revolução Cubana, viajou com outros jovens para Havana para conseguir apoio e treinamento em Cuba. Foi morto numa emboscada três anos antes da Revolução Sandinista. (ZIMMERMANN: 2006 p. 40-44).

⁵ Tomás Borge foi um dos fundadores da FSLN, liderou a guerra popular prolongada (uma das vertentes da FSLN), pós-revolução sandinista e durante o governo de Daniel Ortega, foi ministro interior da Nicarágua. (ZIMMERMANN: 2006, p. 46).

⁶ Silvio Mayorga, foi um dos fundadores da FSLN, participou da operação de Pacasan 1967, onde foi morto junto com mais dez companheiros. (ZIMMERMANN: 2006, p. 52).

sugestões de Carlos Fonseca e dos demais integrantes, incorporam ao nome o termo Sandinista como referência a luta de Sandino (SEBRIAN: 2016, p. 235). Então em 1963 é formada a Frente Sandinista de Libertação Nacional - FSLN.

A imagem de Sandino foi construída como de bandoleiro pelo governo de Somoza, pelas oligarquias e pelas forças estadunidenses (SEBRIAN: 2016, p. 228 -229) após o golpe de estado dado por Anastásio Somoza García. Essa imagem prevaleceu até 1963, quando Carlos Fonseca e os demais membros da Frente de Libertação Nacional incorporam e ressignificam o nome de Sandino a partir do novo movimento revolucionário. Através das ideias defendidas pelo camponês, a FSLN se fundamentou na luta anti-imperialista, anti-estadunidense conjuntamente com a luta anti-oligárquica. Como é posto no Programa Histórico da FSLN, documento com as diretrizes da organização, que inicialmente menciona os seguintes aspectos:

El FSLN es una organización POLITICO-MILITAR cuyo objetivo estratégico es la toma del PODER POLITICO mediante la destrucción del aparato militar y burocrático de la dictadura y el establecimiento de un gobierno revolucionario basado en la alianza OBRERO-CAMPESINA y el concurso de todas las fuerzas patrióticas ANTI-IMPERIALISTAS Y ANTIOLOGARQUICAS DEL PAIS (Programa Histórico del FSLN, 1969).

Logo, esses movimentos considerados como as vanguardas revolucionárias, apresentavam uma nova forma de atuação contra os regimes ditatoriais. Pautada mais na ação do que em teorias, buscavam através luta armada estabelecer um novo regime político, baseado na união da classe trabalhadora do campo e da cidade (SEBRIAN: 2016, p. 234 -235). O movimento tinha como dever lutar contra a ditadura, as oligarquias e o imperialismo, como é citado no documento acima. Em que o objetivo era expresso no seguinte manifesto, publicado em 1963, como é exposto por Zimmermann (ZIMMERMANN: 2006, p. 47.) e citado por Raphael Sebrian (SEBRIAN: 2016 p.234 -235):

Lutar para resgatar as classes mais exploradas das garras da oligarquia e do capitalismo... Defender a justa distribuição de riquezas, erradicarem o analfabetismo, criar um novo sistema de educação... Realizar uma reforma agrária integral, a reforma urbana, a nacionalização das empresas estrangeiras... Lutar pela eliminação dos partidos tradicionais principais responsáveis pela tragédia do povo nicaraguense... [e] repudiar o entreguismo o aos Estados Unidos.

Durante a década de 1960 a FSLN Carlos Fonseca passou a incorporar os ideais da luta sandinista, conjuntamente com as experiências do marxismo leninista e a luta contra a ditadura no programa da FSLN (SEBRIAN: 2016, p. 236-237). A imagem do herói nacionalista foi reconstruída através dos programas, estatutos, produções intelectuais da FSNL, como o guerrilheiro operário e do defensor do nacionalismo e do patriotismo (SEBRIAN: 2016, p. 237). A partir disso, a FSLN criou uma imagem em torno de Augusto Cesar Sandino que levou a população a uma identificação com essa figura. A imagem como antigo líder foi utilizada a partir das demandas dos projetos e grupos revolucionários da década de 1960 e 1970. Essa imagem produzida pela FSLN, só será revista em 1980. Muitos dos integrantes da FSLN não se consideravam marxistas leninistas, mas se identificavam com a figura de Sandino como operário comum capaz de enfrentar a dominação imperialista (SEBRIAN: 2016, p. 237). Posto que essa utilização da imagem de Sandino como liderança camponesa, feita pela FSLN, fez com que os demais camponeses e operários se referenciassem nessa figura e com a luta iniciada por ele. Uma vez que, segundo Camacho Navarro (1991 apud SEBRIAN 2016: p, 238) isso foi possível devido:

Esta identificação com a raiz histórica da figura de Augusto C. Sandino por obra de Fonseca Amador permitiu dar ao povo nicaraguense essa vontade e essa mística de luta que se mantiveram ao longo das duas décadas anteriores ao triunfo sobre a ditadura somozista.

Ainda segundo Sebrian, a partir das ideias de Zimmermann, o próprio Programa Histórico Sandinista exerceu esse papel de convocar o povo a uma mudança estrutural da Nicarágua. Esse programa serviu como base orientadora da FSLN, em que são elencados treze objetivos para a construção de uma revolução. A partir do contato com Cuba, a FSLN também passou por um processo de fragmentação interno em três vertentes de atuações diferentes: a Guerra Popular Prolongada (GPP); a Tendência Proletária (TP); e a Tendência Insurrecional (TI), conhecidos como terceiristas. Divisão que durou até meados de julho de 1979 (ZIMMERMANN: 2006, p.65).

A GPP foi liderada por Carlos Fonseca, que defendia as ideias de uma revolução no campo para a cidade (ZIMMERMANN: 2006, p. 66). A TP foi liderada por Jaime Wheelock que defendeu a ideia da formação de organizações políticas e legalizadas que pudessem reunir trabalhadores rurais, urbanos e também estudantes do movimento estudantil

(ZIMMERMANN: 2006, p. 66). A TI foi liderada por Humberto Ortega, que defendia a ação conjunta entre o campo e a cidade, também era favorável a alianças com a burguesia opositora ao regime, essa e também era mais aberta aos movimentos ligados a Teologia da Libertação (ZIMMERMANN: 2006, p. 67). Carlos Fonseca se opunha totalmente a essa aliança, porém com sua morte em 1976, a FSLN passou a contar com essa oposição burguesa (ZIMMERMANN: 2006, p. 67).

Além disso, a FSLN também lutava duas batalhas: contra a ditadura e contra a intervenção estadunidense na Nicarágua (ZIMMERMANN: 2006, p.130-131). Nesse sentido, é possível entender como ocorreu à formação da resistência nicaraguense a partir do seguinte trecho:

A ideologia sandinista decorreu da identificação como a geração anterior da luta da Nicarágua contra a intervenção dos Estados Unidos, com as lutas de povos do mundo todo contra a dominação estrangeira. Carlos Fonseca e os guerrilheiros dos anos 1960 haviam se inspirado em Cuba, no Vietnã, no Congo e na Guatemala. Durante a década de 1980, foram El Salvador, Granada e o Irã, as lutas da Organização pela Libertação da Palestina e o Congresso Nacional Africano da África do Sul. Embora os Estados Unidos fossem o inimigo que combatiam mais diretamente, a FSLN também adotava uma política externa antiimperialista (ZIMMERMANN: 2006, p.131).

Nessa perspectiva, as lutas passam também a ser inspiradas pelo pensamento anticolonial a partir das experiências da Revolução Argelina. A violência do oprimido contra o opressor é vista como legítima, como afirma Franz Fanon, em os Condenados da Terra (1968). Além da violência como forma de reação do colonizado, o autor também defende uma posição da esquerda voltada para as demandas do povo e para inserção dos intelectuais de esquerda junto aos trabalhadores do campo e da cidade. Ao pensamento de estar junto a essas classes, partiu da perspectiva de um compromisso com os oprimidos, a partir do que diz Fanon:

O intelectual colonizado assiste, numa espécie de auto-de-fé, a destruição de todos os seus ídolos: o egoísmo, a recriminação orgulhosa, a imbecilidade infantil de quem quer ter sempre a última palavra. Êsse [sic] intelectual colonizado, atomizado cultura colonialista descobrirá igualmente a consistência das assembléias, a densidade das comissões do povo extraordinária fecundidade das reuniões e de célula de quarteirão. O intêresse [sic] de cada um não cessa mais de ser doravante porque, concretamente, serão todos descobertos pelo legionário e serão massacrados

ou serão todos salvos. Neste contexto, o jeitinho, forma atea de salvação está proibido (FANON: 1968, p. 35-36).

A partir desse pressuposto, ficam evidentes da forte presença do pensamento anti-colonial e na busca da transformação política social através da radicalidade. Assim, também enxergavam os movimentos políticos como um meio de combater as novas formas de imperialismo do século XX. No documento Programa Histórico da FSLN reconhece seu papel como vanguarda revolucionária:

Cualesquiera que sean las maniobras y medios desplegados por el imperialismo yanqui, la dictadura somocista está condenada al fracaso total ante el avance y desarrollo impetuoso de las fuerzas populares encabezadas por el FRENTE SANDINISTA DE LIBERACION NACIONAL (Programa Histórico del FSLN, 1969).

As organizações revolucionárias desse período eram formadas majoritariamente por jovens e que ingressaram na luta armada muito cedo como voluntários (ZIMMERMANN: 2006, p. 84). Em que o lema era “Pátria Livre ou Morte” em sua maioria, formaram uma espécie de novas estratégias políticas a partir da guerrilha e de caráter político e militar, como no trecho citado acima. Os movimentos considerados como vanguardas revolucionárias apresentavam uma nova forma de atuar contra os regimes ditatoriais na América Latina.

Na Nicarágua dos anos 1970, os índices de mortalidade entre as classes mais baixas eram altíssimos. O país era composto basicamente por uma população majoritariamente jovem (pois poucos conseguiam sobreviver e chegar à vida adulta) onde a expectativa de vida, assim como de trabalho, seja no meio rural ou no meio urbano, eram praticamente inexistentes. Logo, outro fator que mobilizou esses jovens foi:

O nível de desemprego atingiu picos inéditos, os salários despencaram, os impostos aumentaram. Em 1978, 60% da população nicaraguense tinha menos de 20 anos. Nas favelas urbanas de rápido crescimento em Manágua, jovens de ambos os sexos, enfrentando as reduzidas perspectivas de estudo ou de trabalho, tornaram-se base de apoio para a revolução (ZIMMERMANN: 2006, p. 84).

Outro ponto que mobilizou essa população, foi a reforma agrária, pois nesse país tem-se uma população camponesa, com sérios problemas para produção de alimentação e a própria garantia da existência. Em contrapartida a isso, uma concentração de terras das

grandes oligarquias, principalmente da família de Anastásio Somoza, que causou grande indignação por parte da população.

Outro ponto a ser considerado, é sobre a heterogeneidade da formação das esquerdas nesse período. Para além das pautas tradicionais da esquerda, passam agregar outras pautas, como as pautas consideradas como identitárias, concomitantemente a luta de classes. Novos elementos passaram ser incorporados nesses movimentos, não somente referentes aos grupos, mas também de cada indivíduo. Uma vez que, as pautas identitárias permearam a forma de organização e atuação desses movimentos.

Posto isso, o pensamento que influenciou os movimentos de esquerda nas décadas de 1960 e 1970 foi baseada em três premissas: radicalidade política, participação popular direta, e valorização do cotidiano e do indivíduo (ARAÚJO: 2000, p. 43). Com um projeto político revolucionário com base na profunda transformação social, mas a partir da mudança também dos sujeitos, como é mencionado na obra de Maria Paula Nascimento Araújo:

Um último aspecto deve ser enfatizado entre as principais características das novas esquerdas em todo mundo ocidental: a valorização do cotidiano, das relações pessoais, a valorização dos sentimentos, das emoções. [...] A ênfase neste ponto - na ideia de uma revolução que passasse necessariamente por uma transformação pessoal e subjetiva - de certa forma significou um rompimento com outros aspectos dominantes até início dessa década, especialmente a ideia da violência revolucionária. O movimento feminista foi um dos elementos que ajudou a promover essa transição entre uma esquerda armada e uma esquerda alternativa (ARAÚJO: 2000, p. 43).

O período de 1960 a 1970 é marcado então pelo surgimento de uma nova esquerda em face do esgotamento das velhas práticas burocráticas da antiga esquerda. Surgiram então os movimentos da esquerda considerados mais radicais, que optaram pela ação em sobreposição a teoria. A busca dos movimentos, além das reformas de base, também era o restabelecimento (nos casos em que existiu democracia em algum período) ou a construção de uma participação popular direta. Levando em consideração as demandas e os anseios não somente dos grandes grupos, mas também as consideradas “minorias políticas”, como será desenvolvido no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

As mulheres, a ditadura de Somoza e a Revolução Sandinista na Nicarágua

O contexto revolucionário dos anos 1960 e 1970 produziu não somente uma nova esquerda, mas também uma nova forma de engajamento político, como foi mencionada no capítulo anterior. Entendia-se que, a partir da mudança de regime, também seria possível uma profunda transformação no indivíduo e nas relações sociais. A participação das mulheres na Revolução Sandinista representou, além da vontade de romper com regime político, a busca pela igualdade entre homens e mulheres (CRIQUILLION: 1987, p. 169).

Nesse sentido, para além dos movimentos dos trabalhadores e estudantes, foram formadas organizações de mulheres para reivindicar seus direitos e também manifestar-se contra a ditadura. A primeira associação de mulheres a ter êxito, após outras tentativas de aproximação da FSLN com a luta das mulheres, foi a Ampronac - Associação de Mulheres contra o Problema Nacional, fundada em 1977 (ZIMMERMANN: 2006, p. 72). Nesse período ocorreu uma forte política de repressão somozista. Porém essa intensificação da repressão, levou o surgimento de novos grupos de resistência. Sendo que, ao final da década de 1970:

Brotaram novas organizações de protesto ligadas a FSLN. As mulheres sandinistas formaram um grupo chamado: Associação de Mulheres Enfrentando o Problema Nacional; todos sabiam que o “problema nacional” era Somoza. A organização de mulheres realizou manifestações contra a violação dos direitos humanos, priorizando declaradamente o abuso das mulheres do campo pelos homens da Guarda Nacional, e das prisioneiras nas celas de Somoza (ZIMMERMANN: 2006, p. 72).

O intuito dessa organização era ser “*amplia y democratica*” (CRIQUILLION: 1987, p.161) e teve como objetivo a oposição ao regime ditatorial, a defesa dos direitos humanos, principalmente dos direitos das mulheres, denunciando as violações cometidas pelo governo de Somoza e a construção de um governo revolucionário.

Entre as principais causas que motivaram as mulheres a ingressarem em organizações de resistência foram às violações de direitos humanos cometidas pelo governo contra a população feminina nicaraguense. Se a repressão agia de forma truculenta com os homens, quando se tratavam de companheiras as violências eram severamente intensificadas. As

violências eram físicas e psicológicas nos mais diversos níveis. O estupro como prática punitiva foi “comum”, utilizado pelos agentes da Guarda Nacional. Segundo Maria Lygia Quartim de Moraes, essa era uma dupla punição, a primeira pelo fato de estar transgredir a ordem e a segunda por ser mulher que transgrediu o espaço doméstico (MORAES: 2012, p. 110). A partir disso, as mulheres nicaraguenses promoveram:

A organização dos movimentos pelos direitos humanos das mulheres, conduzidas pelos sandinistas, realizou manifestações contra a violação dos direitos humanos, dando ênfase especial aos abusos cometidos pela Guarda Nacional contra as camponesas e aos maus tratos sofridos pelas prisioneiras nas celas de Somoza (ZIMMERMANN: 2006, p. 77).

A luta das mulheres sandinistas consolidou-se por meio de três perspectivas: a busca pelos direitos humanos das mulheres, a luta contra a ditadura de Somoza e a luta contra as desigualdades entre homens e mulheres. Esse primeiro momento da organização de mulheres durante a ditadura foi incentivado pela FSLN. Ainda na clandestinidade, Ampronac foi uma das primeiras associações a surgirem durante o governo ditatorial e fazer oposição a Somoza. As demais organizações se consolidaram após o triunfo de 19 de julho de 1979 (CRIQUILLION: 1987, p.165-166).

Em 1979, o nome da organização de mulheres Ampronac passou a ser Amlae - Associação de Mulheres Luisa Amanda Espinosa (ZIMMERMANN: 2006, p. 95) , em memória da primeira mulher sandinista assassinada pelos agentes de Somoza (ZIMMERMANN: 2006, p.55). Luisa Amanda Espinosa foi uma camponesa, que ainda jovem ingressou nas atividades revolucionárias, atuando ainda no período de clandestinidade da FSLN. Era de família da classe operária, e casou-se ainda jovem. Porém, decidiu entrar para o movimento como forma de atuar contra o regime e as opressões sofridas pelas mulheres nicaraguenses.

Após a derrubada da ditadura, a associação atuou também na reconstrução nacional, a partir do projeto político revolucionário. Foram formulados os primeiros comitês de bairro liderados por mulheres, os primeiros juizados contra os crimes cometidos na ditadura, e também fizeram parte da Cruzada Nacional pela Alfabetização (CRIQUILLION: 1987, p.167).

O período de 1977 até 1979 ficou marcado como a fase de formação e consolidação desses movimentos, grupos, associações de mulheres que a princípio almejavam não somente a conquista dos direitos civis e direitos políticos, mas a mudança de regime. Constituindo uma participação orgânica, que esteve presente durante todo processo de derrubada do regime ditatorial e instauração de um governo revolucionário. Atuando não somente nas instâncias institucionais, mas também nas esferas populares, sendo uma participação ativa e constante, não meramente pontual, ocupando lugares de poder durante o processo revolucionário e durante o governo sandinista.

A busca por direitos sociais, políticos, econômicos e culturais foram os principais fatores da mobilização das mulheres nicaraguenses. Como é mencionado no Programa Histórico da FSLN no tópico VII, em que a emancipação política, cultural, econômica, social das mulheres é um dever da revolução *“La Revolución Popular Sandinista abolirá la odiosa discriminación que la mujer ha padecido con respecto al hombre; establecerá la igualdad económica, política y cultural entre la mujer y el hombre”* (Programa Histórico da FSLN, 1969).

Sobretudo no que diz respeito aos direitos das mulheres, como acesso alfabetização, até questões mais complexas como a legalização do aborto, que ainda é totalmente proibido na Nicarágua. Na legislação vigente durante a ditadura, qualquer tipo de aborto era proibido, sendo considerado crime. Após a tomada do poder pela FSLN, ainda que a legalização do aborto tenha sido discutida nas associações de bairro, os comitês, nas escolas (ZIMMERMANN: 2006, p. 127), porém não houve nenhum efeito prático em termos de legislação durante governo revolucionário. Uma vez que, dentro da própria organização não houve um consenso sobre essa pauta, que foi negligenciada após a mudança do regime. Embora fosse uma realidade das mulheres nicaraguenses mais jovens desse período:

O tema mais polêmico a respeito dos direitos das mulheres foi o aborto. Uma série de artigos no jornal da FSLN, *Barricada*, abriu uma discussão de âmbito nacional sobre o tema, em 1985. A lei de Somoza que proibia o aborto ainda estava em vigor, e o aborto ilegal era a principal causa de morte das mulheres em idade fértil. (...) Alguns líderes da FSLN, tanto homens quanto mulheres, declaravam que o aborto era uma exigência “burguesa e estrangeira” e convocavam as mulheres a ter mais bebês para a revolução (ZIMMERMANN: 2006, p. 126).

Logo, a própria discussão sobre a legalização do aborto, não foi adiante por contraposições de setores dentro da própria FSLN e da Igreja Católica, pois:

A hierarquia da Igreja denunciava o aborto como assassinato, mas a maioria das mulheres que abortavam era católica, assim [sic] como também eram católicos quase todos os que queriam mudar a lei. As mulheres das classes trabalhadoras se dividiam a respeito da questão, incluindo as que eram ativistas da organização sandinista e defensoras da revolução (ZIMMERMANN: 2006, p. 126).

Contudo, a Amnlæ continuou se mobilizando para a discussão da legalização do aborto. O que setores da FSLN consideravam algo polêmico e que poderia causar divisões no partido:

No início de 1989, a AMNLAE [sic] declarou que proporia uma nova legislação para legalização do aborto e aumentar a pena contra estupradores e autores de violência doméstica. Mas as entidades femininas recuaram, quando o Diretório Nacional se opôs a uma legislação que descreviam como ‘criadoras de divisões’ (ZIMMERMANN: 2006, p. 147).

O segundo fator de mobilização, foi a busca pela queda do regime. A premissa básica entre as mulheres sandinistas era de que a partir da derrubada da ditadura, elas teriam liberdade para discutir suas próprias demandas. Logo, esse primeiro período de mobilização das mulheres nicaraguenses em organizações políticas foi motivado pela ideia de mudança do cenário político. Ou seja, de certo modo, houve um entendimento de que para que as demandas das mulheres pudessem ser atendidas, era necessário construir um regime de governo que não fosse um regime ditatorial. Mas um governo democrático, porque com a mudança de governo haveria também uma mudança das relações entre homens e mulheres, pois *“los intereses de la Revolucion serian los intereses de las mujeres y viceversa”* (CRIQUILLION: 1987, p. 166). A ditadura representava a opressão em seu nível máximo, mas representava essa repressão ainda mais intensa para as mulheres. Por isso era necessário combatê-la para a construção de um novo modelo de sociedade. Essa concepção pode ter sido um dos equívocos cometidos por aqueles que acreditaram no projeto sandinista, uma vez que, após alcançar o poder, uma parcela da FSLN, chegou a inviabilizar as pautas consideradas mais complexas, como por exemplo a questão do aborto.

Durante a realização das eleições de 1989, ficou evidente que nem sempre as pautas das mulheres seriam revolucionárias. O período após as eleições realizadas em 1989 escolheu

a liberal Violeta Barrios de Chamorro, como primeira presidente do país. Violeta Chamorro foi uma política e jornalista nicaraguense. Teve como cônjuge o também jornalista Pedro Joaquín Chamorro, membro do Partido Conservador, editor do jornal “*La imprenta*” e um dos mais conhecidos opositores da ditadura. Pedro Chamorro foi assassinado por um grupo de pistoleiros a mando de Somoza em 1978. Sua morte causou grande comoção entre os empresários do país, que anunciaram fazer greve até Somoza renunciar (ZIMMERMANN: 2006 p. 82). Entretanto, a candidatura de Violeta Chamorro não representou os interesses das classes mais pobres, camponesas e trabalhadoras da cidade, muito menos das mulheres indígenas.

O terceiro fator de mobilização foi a busca pela igualdade entre homens e mulheres, onde o papel historicamente delegado masculino e feminino passa por um processo de rompimento dentro da FSLN. Apesar de existir dentro da própria organização, ainda um pensamento patriarcal, o que diferenciava as mulheres sandinistas de outras mulheres, seria:

A posição das mulheres na FSLN não foi fácil aos primeiros anos. A tarefa de manter os aparelhos limpos, alimentar os fugitivos e cuidar deles, datilografar comunicados e manifestos quase sempre recaí sobre elas. Ao mesmo tempo, o fato de mulheres receberem armas e treinamento militar teve profundo impacto no modo como pensavam seu próprio respeito e em como seus companheiros as tratavam. Um colega combatente lembra, com admiração: ‘Recordo uma vez em que Luisa Amanda vinha até a montanha e foi detida por três guardas. Ela estava vestida de enfermeira. Eles a agarraram e um queria violentá-la. Levaram-na para o rio e, no princípio, ela deixou que ele pensasse que poderia ter o que queria. Assim que chegou à margem do rio, ela o matou. Essa é integridade das mulheres nicaragüenses’ (ZIMMERMANN: 2006, p. 55).

Esse papel relacionado à esfera doméstica foi modificando-se à medida que as mulheres passaram a exercer funções de comando dentro e fora da organização. O pensamento ainda pautado na divisão do trabalho entre homens e mulheres, esteve presente nos primeiros anos da formação da FSLN. Todavia, com o massivo engajamento de mulheres nas organizações de resistência, esse papel foi modificado conforme essas mulheres ocuparam tarefas que historicamente não eram “destinadas” a elas.

A ideia cristalizada da mulher como um ser passivo aos processos políticos, será substituída por uma concepção de que a revolução seria um espaço das mulheres, que

atuavam nas mais diversas funções. As mulheres passavam a ser cada vez mais respeitadas e incorporadas na estrutura da FSLN:

O número de mulheres da FSLN aumentou durante a fase da clandestinidade do final dos anos 1960. Tinham entre si uma semelhança relativamente maior que os homens sandinistas, recrutados entre os universitários oriundos de lares mais abastados. Mas Gkadays Baez, que combateu na operação da guerrilha de 1967, e Luisa Amanda Espinosa, a primeira mulher sandinista morta pela guarda nacional vinha de famílias operárias (ZIMMERMANN: 2006 p. 55).

Desse modo, podemos inferir que o processo revolucionário na Nicarágua provocou profundas alterações nas relações entre homens e mulheres, em referências as quais segundo Zimmermann, é possível afirmar que “muitos heróis da guerra revolucionária contra Somoza, na realidade, foram heroínas, incluído Dora Maria Tellez” (ZIMMERMANN: 2006, p. 55).

Dora María Tellez foi uma estudante de medicina, que ainda jovem entrou no movimento sandinista. Fez parte de importantes ações promovidas pela FSLN, integrou o comando do ataque ao Palácio Nacional em Manágua em agosto de 1978, ficou conhecida como Comandantes Dois, como cita Zimmermann: “Dora María Téllez/22 anos/ miúda e pálida/ de botas, boina negra/ uniforme da guarda/ muito folgado... Dora María/ a moça aguerrida/ que fez tremer de fúria/ o coração do tirano” (ZIMMERMANN: 2006, p. 83). Liderou as tropas que adentraram em Manágua em 1979 (ZIMMERMAN: 2006, p. 87), seu comando a Frente Ocidental, era majoritariamente composto por mulheres.

Como é relatado pela comandante Dora Maria Tellez, na entrevista concedida a Margaret Randall durante seu trabalho de campo realizado na Nicarágua de 1979 a 1980:

Com o processo revolucionário mudam-se também as concepções. Como no caso da mulher. Aqui a mulher participou da Revolução não na cozinha, mas como combatente. No nível de direção política. Isso dá outra pauta para a mulher. De fato, ela teve outro papel na guerra adquiriu uma autoridade moral tremenda para que qualquer homem - inclusive numa relação íntima - a respeite. É difícil que um homem erga a mão para bater numa mulher combatente, para maltratá-la. Porque se configura uma autoridade, uma autoridade moral em geral, na população feminina e isso também se reflete nas relações íntimas. Os conceitos de relação estão mudados. Acho que, de um modo geral melhoraram (RANDALL: 1982 p.80-81).

Em 1979, são incluídas no Programa Histórico as pautas relacionadas à autonomia e garantia de direitos das mulheres, que passavam a cada vez mais estarem presentes nas

organizações políticas. A emancipação da mulher era uma transformação a ser alcançada com o processo revolucionário de libertação. Como no tópico VII da *Emancipación de la Mujer, do Programa Histórico del FSLN*, apresenta como um dever da revolução:

VII. Emancipación de la mujer

La Revolución Popular Sandinista abolirá la odiosa discriminación que la mujer ha padecido con respecto al hombre; establecerá la igualdad económica, política y cultural entre la mujer y el hombre.

-Extenderá a la madre y al niño atención especial.

-Eliminará la prostitución y otras lacras sociales, con lo cual elevará la dignidad de la mujer.

-Pondrá fin al régimen de servidumbre que padece la mujer y que se refleja en el drama de la abandonada madre trabajadora.

-Establecerá el derecho a igual protección de las instituciones revolucionarias para los niños nacidos fuera de matrimonio.

-Establecerá círculos infantiles para el cuidado y atención a los hijos de las trabajadoras.

-Establecerá dos meses de ausencia por maternidad antes y después del parto para las mujeres que trabajan.

-Elevará el nivel político, cultural y vocacional de la mujer, mediante su participación en el proceso revolucionario (Programa Histórico da FSLN, 1969).

O documento apresenta a participação das mulheres como parte fundamental para construção do projeto revolucionário e não após a revolução. A emancipação da mulher passava a constituir não somente uma ideia distante, mas que estava cada vez mais presente não somente na organização, mas compunha a própria estrutura dela. Embora a emancipação das mulheres não fosse totalmente “aceita” por alguns companheiros no início da FSLN, a autonomia e os direitos das mulheres seriam um dever da revolução. A esse posicionamento expresso em um documento considerado como orientador do projeto revolucionário que buscava libertação política, social, econômica e cultural da mulher, pode ser considerada como uma primeira tentativa de ruptura das violências e violações as quais essas mulheres eram cotidianamente submetidas.

Além disso, o capítulo VII Emancipação das Mulheres do Programa Histórico da FSLN aborda outro conteúdo importante para compreensão do nível de violência que essas mulheres estavam expostas, que é a proibição da prostituição. Segundo a historiadora Tânia Navarro Swain, a prostituição constitui uma forma de violência específica de gênero no qual é um processo de completa mercantilização dos corpos femininos (SWAIN: 2004, p. 24). Nessa perspectiva, pode-se dizer que esse tópico expresso no documento orientador da FSLN, significa o entendimento da prostituição como violência dos direitos humanos das mulheres, mas também uma forma de dominação masculina sobre o corpo feminino e que afetava a dignidade da mulher nicaraguense, portanto necessitava de ser proibida.

Outro aspecto a ser analisado é que atuação contra o regime também partia de um posicionamento anti-oligárquico. O sistema das oligarquias, de acordo com Verónica Giordano, é um sistema que preserva a lógica patriarcal. Nesse sentido, o poder oligárquico é:

“una forma histórica de dominación política de clase, caracterizada por la concentración del poder en una minoría y la exclusión de la mayoría da sociedad de los mecanismos de decisión política” (ANSALDI, W.; GIORDANO, V.: 2012, p. 465-466).

A manutenção do poder oligárquico, parte da perspectiva da manutenção dos patrimônios combinado com elementos do capitalismo desde o século XIX, que passam exercer uma nova forma de dominação. Portanto, constituem também uma forma exclusão das “minorias”, nos espaços políticos.

Desse modo, as organizações feministas nesse período também propunham ruptura com poder oligárquico, que é composto por uma lógica fundamentada no patriarcado. Aos homens é delegado o espaço público, enquanto às mulheres é delegado ao espaço doméstico. O chefe da família na lógica patriarcal e oligárquica é sempre o pai, o detentor do patrimônio que necessita ser preservado. Ao homem é delegado o papel de liderança do lar. A mulher é apenas a mãe, aquela que reproduz filhos para a nação, cujo papel de “proliferar” os bens através do matrimônio. A lógica de preservação do poder também era estabelecida pela preservação do patrimônio, que era fundada numa lógica patriarcal.

Esse era o padrão amplamente desenvolvido a partir das classes mais abastadas. Nas classes menos favorecidas, esse padrão era distante. Essa especificidade se deu por conta da divergência de papéis da mulher de acordo com sua classe. As mulheres mais pobres, majoritariamente mães solteiras que ainda muito jovens tiveram seus filhos, eram as responsáveis por chefiar mais da metade dos lares nicaraguenses durante os anos de 1970:

A cultura burguesa da Nicarágua revelava profunda influência dos valores patriarcais em termos de família e das relações sociais. A regra era que o chefe do lar, um homem, sustentasse sua família e dependentes, enquanto sua esposa permanecia em casa, criando os filhos e cuidando deles. Esse ideal era um mito. Na realidade, muitos lares da classe operária e de camponeses eram liderados por mulheres solteiras e, nessas famílias, tanto os meninos quanto as meninas trabalhavam desde mais tenra idade. Nos lares abastados, os trabalhos de cuidar da casa e das crianças eram quase sempre executados por empregadas, não pela mãe, pela esposa que permanecia em casa. Mas os preconceitos contra o papel da mulher na sociedade afetam todas as camadas sociais e tinham um considerado impacto sobre os rapazes e moças que rompiam com as convenções ao se filiarem na luta armada (ZIMMERMANN: 2006, p. 56).

Desde o processo de independência dos países latino americanos, a figura da mulher estaria relacionada à mãe da pátria, sendo-lhes delegado o espaço da vida privada, a ideia de “*madre republicana*” (CIBOTTI: 2016, p.118) na qual a responsabilidade está amplamente relacionada apenas à esfera privada e não à esfera pública. As mulheres que compunham a maioria da população e das lideranças familiares eram, porém, alijadas da vida política, devido as relações de poder promovido pelo sistema patriarcal. Portanto, elas enxergaram no movimento revolucionário uma forma de rompimento com os padrões sociais estabelecidos, pois:

A busca de conscientização e de maior visibilidade das inquietações do movimento de mulheres trazia à tona lemas como acesso à educação e participação efetiva e irrestrita na esfera política como fundamentos da própria mudança social (CAVALCANTI: 2005, p. 259).

Ao ingressarem na FSLN, essas mulheres exerceram outros papéis, que não estavam relacionados apenas à esfera doméstica e nem a um contexto de subordinação masculina. Posto isso, infere-se que a concepção do papel da mulher foi modificada pela guerra que transformou concomitantemente as relações entre homens e mulheres nicaraguenses. A relação entre “*mujer y madre*” (CIBOTTI: 2016, p.118) na construção da história das mulheres latino americanas, são questionados com a participação da mulher no processo

revolucionário. As mulheres sandinistas de certa forma lutavam pela autonomia do próprio corpo, mas também lutavam pelo direito das que quisessem ter seus filhos, tivessem a condição de fazê-los com a garantia dos direitos fundamentais básicos. Mas para isso, necessitavam construir uma pátria livre.

A construção de um novo projeto que motivou a organização e o engajamento político dessas mulheres que representavam mundos diferentes, mas que buscavam a construção de uma nova pátria, uma nova sociedade nicaraguense a partir da formação uma “*nueva mujer y un nuevo hombre*” (PLAZA: 2010, p. 11) que passaram a construir um novo modo de agir, a partir da busca pela emancipação da mulher, pela igualdade de gênero e pela democracia. Mas que para isso era necessário, primeiro a conquista dos direitos, a autonomia política e a emancipação econômica e cultural que deveriam ser alcançados através da revolução.

CAPÍTULO 3

As mulheres a partir da obra “A mulher habitada” de Gioconda Belli

A obra literária “*A Mulher Habitada*” publicada pela primeira vez em 1988, é um romance histórico produzido pela escritora nicaraguense Gioconda Belli. O romance retrata a experiência das mulheres durante a ditadura de Somoza na Nicarágua, bem como ocorreu o o engajamento político das mulheres no projeto revolucionário.

Gioconda Belli nasceu do dia nove de dezembro de 1948, em Manágua, capital da Nicarágua. Estudou em Madri na Espanha, formou-se em jornalismo na Universidade da Filadélfia nos Estados Unidos e ao final da década de 60, retorna ao seu país de origem. Ainda jovem, ingressa na FSLN em 1970, atuando como militante até 1993. Colaborou para a derrubada do ditador Anastásio Somoza, se juntou com as mulheres que participaram do movimento sandinista. Exilou-se no México e na Costa Rica, devido à repressão somozista, onde não deixou de atuar politicamente. Ainda no exílio conseguiu apoio político e financeiro para a resistência, além de contribuir com a produção intelectual do movimento.

Após o triunfo da Revolução Sandinista, em julho de 1979, retorna do exílio na Costa Rica, e durante o governo da FSLN participou como membro do Conselho Nacional dos Partidos Políticos da Nicarágua, deixando o cargo em 1987 para se dedicar a carreira literária. Em 1988 publica a primeira versão da obra intitulada “*La mujer habitada*”, traduzida para mais de onze idiomas. Em 1978 recebeu o prêmio Casa das Américas, por seu livro de poemas “*Línea de Fuego*” e em 1989 recebeu o prêmio de melhor novela política do ano na Alemanha por seu romance histórico “*La mujer habitada*”⁷, que através dos elementos característicos da literatura latino-americana dos anos 1970⁸, a partir dos acontecimentos históricos de seu país, narra a história de quatro mulheres durante o regime somozista na Nicarágua.

Na Nicarágua, posteriormente a derrubada da ditadura de Somoza, houve um esforço do governo sandinista em produzir narrativas sobre esse processo a partir da perspectiva do movimento revolucionário. Como é apontado por Márcio Seligmann, que “o regime

⁷ Disponível em: <https://giocondabelli.org/biografia/>.

⁸ Realismo Fantástico: escola literária hispano americana do séc. XX, que mistura elementos da realidade com o fantástico da literatura, como as obras de Gabriel Garcia Marquez.

sandinista na Nicarágua também foi responsável, nos anos 1980, por um boom de testemunhos naquele país” (SELIGMANN: 2005, p. 89). A obra “A mulher habitada” foi publicada em 1988, anos finais do governo da FSLN, se pode inferir que a produção de uma obra literária nesse período trata-se de uma tentativa de produção de uma narrativa do que foi o regime somozista, a partir das experiências de quem testemunhou esse acontecimento.

A literatura de testemunho “(...) na América Latina, o ponto de partida é constituído pelas experiências históricas da ditadura, da exploração econômica, da repressão as minorias étnicas e as mulheres (...)” (SELIGMANN: 2005, p. 86). Logo, essa produção artística é definida “seja por narrar situações, eventos, períodos (Shoah, Gulag, genocídios, guerras, ditaduras, tortura, miséria, opressão etc.), seja em relação a formas de expressão do testemunho (memória, romance, filme, depoimento, poema, quadrinhos, canções etc.)” (SALGUEIRO: 2012, p. 286). Segundo Alfredo Alzugarat (1994 apud SELIGMANN 2005: p. 88-89) a literatura de testemunho nesses países passou a adquirir a seguinte função:

(...) Na América Latina, o conceito de testimonio foi desenvolvido nos países de língua espanhola a partir do início dos anos sessenta. Diferentemente do que ocorre na reflexão sobre o testemunho da Shoah⁹ na Alemanha, na França ou nos EUA, na Hispano-América passa-se da reflexão sobre a função testemunhal da literatura para uma conceitualização de um novo gênero literário, a saber, a literatura de ‘testimonio’. A ‘política da memória’, que também marca as discussões em torno da Shoah, possui na América Latina um peso muito mais de política ‘partidária’ do que ‘cultural’: aqui ocorre uma convergência entre política e literatura. Dentro de uma perspectiva de luta de classes, assume-se esse gênero como o mais ‘apto para ‘representar’ os esforços revolucionários’ dos oprimidos’, como afirmou Alfredo Alzugarat. Eis porque Cuba terá um papel-chave na institucionalização desse gênero.

Desse modo, esse tipo de literatura na América Latina é associado também a uma função de narrar histórias de grupos políticos, partidos, organizações revolucionárias. Logo, as artes, mas a literatura em específico constitui um importante campo de formação política, que é disputado. Cuba será o primeiro país a promover os prêmios culturais para as produções

⁹ Shoah é um termo hebraico que significa devastação ou catástrofe, que representa o extermínio em massa dos judeus na Alemanha nazista. Está relacionado a um acontecimento que não se pode testemunhar, primeiro porque poucos foram os sobreviventes. Segundo, por que aqueles que sobreviveram carregam o trauma da experiência, que pode causar um desconforto ao falar. A partir disso, a literatura como forma de testemunhar um evento traumático é a característica da obra de Primo Levi, que irá narrar suas experiências no campo de concentração nazista. Sendo, portanto uma forma de não esquecimento, do ocorrido. In: PEREIRA, Nelci Bilhalva. *A literatura de testemunho sobre Shoah em Primo Levi*. 2017, 126. Dissertação (Mestrado em Letras Licenciatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, GO - 2000.

artísticas pós anos 1960, através da criação do prêmio Casa de Las Américas. Como ainda é exposto por Alzugarat (1994 apud SELIGMANN: 2005, p. 89):

Esse país assumiu a liderança de um movimento de revisão da história, que passou a ser recontados a partir do ponto de vista dos excluídos do poder e explorados economicamente. A revista Casa de las Américas teve um papel fundamental nesse processo. ‘Foi ela que, em 1970, criou o ‘Premio Testimonio Casa de las Américas’. O centro cultural Casa de las Américas, que havia sido fundado no próprio ano da revolução, 1959, criara uma revista com a função de estabelecer uma ‘ponte de comunicação com os países irmãos do continente’.

O intuito dessa premiação foi de promover o intercâmbio de produções culturais entre esses países que passaram por processos traumáticos. A literatura de testemunho passou a ser politizadas e utilizadas para narrar essas experiências para construir a identidade de um “povo” a partir de uma luta, como no caso da obra “A mulher habitada”, de Gioconda Belli. Desse modo, a elaboração dessa narrativa pode ser analisada como uma tentativa de pleitear o direito de quem sobreviveu a um regime ditatorial relatar suas experiências.

Logo, os romances históricos não são estritamente ficcionais, mas estão situados num tempo e num lugar, que funcionam como sua referência. Portanto, trazem aspectos de uma realidade não existente, mas que já existiu que a obra tenta representar. Como afirma Roger Chartier (CHARTIER: 1988, p. 87-86), a relação entre realidade e ficção é posta a partir da construção de uma representação do real. Ou seja, a obra é uma forma de representar a Nicarágua e a situação das mulheres nicaraguenses durante a ditadura somozista. A partir elementos da realidade, a autora constrói uma representação sobre esse período, com foco na produção de uma imagem da mulher. A obra é formada pelos elementos da literatura, mas está referenciada num acontecimento histórico, na qual narra a conjuntura em que viviam as mulheres durante a ditadura de Somoza na Nicarágua, bem como o que levou as mulheres a se engajarem politicamente.

A obra apresenta a história de duas personagens em tempos distintos - Itzá, guerreira indígena que resistiu a chegada dos espanhóis durante a colonização, e Lavínia, jovem que se luta contra as desigualdades e opressões impostas pelo regime ditatorial de Anastasio Somoza. Mulheres que exerceram papéis de liderança na defesa de seu povo em meio a um contexto de dominação - seja pela colonização espanhola durante os séculos XVI e XVII, ou

pelo imperialismo norte-americano durante a segunda metade do século XX. Através dessas duas personagens, a autora estabelece uma relação entre as lutas anticoloniais e as lutas antiimperialistas. Cada uma dessas histórias, se entrelaçam em determinados momentos ao longo da obra, representando a história de mulheres que participaram da resistência contra a dominação estrangeira, em momentos distintos, atuando como protagonistas.

Itizá foi uma jovem indígena, que lutou durante a colonização espanhola, se recusou a ter filhos “para não dar mais escravos aos espanhóis” (BELLI: 2000, p. 243), que decidiu abandonar sua comunidade, a vida do “lar” e lutar nas guerras contra a dominação espanhola. Lavínia, classe média alta, arquiteta que após concluir seus estudos na Espanha retorna a Fátimas, cidade referente à Manágua, capital da Nicarágua nos anos 1970, abandona a casa dos pais para viver sozinha e depois ingressa no movimento revolucionário.

A partir dessas personagens, Gioconda Belli estabelece uma relação entre esses dois períodos históricos, em que as memórias de Itizá são transferidas para Lavínia (BISHERÚ: 2011, p.67). Logo, a autora no início da obra estabelece a relação entre as lutas do passado colonial contra a luta de um regime ditatorial no presente. A obra também relata a história de mais três mulheres: Lucrecia, Sara, e Flor, em que todas as umas dessas mulheres correspondem a uma classe social distintas e possuem formas diferentes de posicionar perante a conjuntura do país.

A primeira mulher descrita na obra é Sara. Ela é uma amiga de infância de Lavínia, que tem uma vida muito diferente dela. Enquanto Lavínia prezava por sua liberdade e autonomia, pode-se dizer que as premissas dos movimentos feministas da década de 60, para Sara essa “liberdade” eram constituídas no lar, através das responsabilidades da esfera doméstica. Ela representa o papel da aristocracia nicaraguense de mãe e esposa das mulheres das classes oligárquicas:

Mas Sara não entenderia que ela se sentisse tão contente, pensou. Ela não entendia o prazer de ser a gente mesmo, tomar as decisões, ter a vida sob controle. Sara tinha passado do pai-pai, para o pai-marido (BELLI: 2000, p. 21).

A personagem de Sara representa as mulheres que ainda eram tratadas como objetos, que eram transmitidas de seus pais para seus maridos. Retomando a ideia de que a mulher era

vista apenas com a funcionalidade de reprodução, onde as relações matrimoniais estão relacionadas a manutenção do poder oligárquico. Ela representa, portanto, as mulheres da elite que não se “interessam” muito com essas questões que estão fora do âmbito doméstico:

Olhando em seu jardim de samambaias e sávias, Sara falava, sem parar de seu tempo ocupado em verduras para comprar, quadros para arrumar, móveis para estofar... ‘Sou uma boa esposa’, disse. ‘Gosto de ser. É uma felicidade como qualquer outra arrumar a casa, receber o marido’(BELLI: 2000, p. 175).

Essa personagem, é uma crítica da autora em relação as mulheres da aristocracia nicaraguense, que reproduziam o papel de “*madre republicana*” (CIBOTTI: 1987 p.118) construído para as mulheres latino-americanas, ainda no período da independência.

A segunda personagem é Lucrecia, que representa as mulheres da classe operária. Lucrecia é uma mulher pobre, trabalha como empregada doméstica na casa de Lavínia. No livro é descrita como “uma mulher jovem, mas envelhecida pela pobreza” (BELLI: 2002, p. 170). A família de Lucrecia é basicamente composta por ela, a irmã, e a sobrinha. Essa família descrita na obra, pode-se dizer que representa como eram formados os lares das classes trabalhadora da Nicarágua durante esse período, em que majoritariamente os lares eram formados e chefiados por mulheres. Lucrecia passa dias sem ir ao trabalho e sem dar notícias, então Lavínia realizou uma visita a jovem para saber o que aconteceu.

Durante a visita, Lavínia descobre que a jovem está doente há dias, mas inicialmente não teve “coragem” de relatar o ocorrido. Então após conversar com Lavínia, a jovem resolve contar que realizou um aborto clandestino, porém esta ação lhe provocou uma terrível hemorragia. No trecho do livro, Lucrecia possui um receio em contar o que ocorreu para Lavínia:

Finalmente, Lucrecia, se interrompendo de vez em quando para chorar, contou com detalhes para Lavínia, o aborto. Não queria ter a criança – disse. O homem tinha dito que não contasse com ele e ela não podia deixar de trabalhar. Não teria quem tomasse conta da criança. Além disso, queria estudar. Não podia manter um filho. Não queria ter um filho para deixá-lo sozinho, mal cuidado, mal alimentado. Tinha pensado bem. Não fora fácil decidir. Mas, finalmente, uma amiga lhe recomendou uma enfermeira que cobrava barato. Fez o aborto. O problema era que a hemorragia não parava. Toda ela já cheirava mal, a podre, disse, e estava com febre... Era um castigo de Deus, dizia Lucrecia. Agora teria que morrer. Não queria que ninguém a visse. Se um médico a visse, perguntaria quem tinha praticado o

aborto e a mulher a ameaçou se ela a denunciasse. Os médicos sabiam que era proibido. Perceberam. Até a presa podia acabar se fosse para um hospital, disse. [...] Por sorte, Flor tinha tomado o controle da situação com sua serenidade habitual. Tinha amigos no hospital. Médicos acostumados a situações como a de Lucrecia. “Milhares de casos parecidos” tinha dito Flor (BELLI: 2000, p. 171-172).

Nesse trecho do livro, ficam evidentes as violências que essas mulheres estavam submetidas. Como é dito pela personagem, não tinham direito básicos como acesso a educação e também não tinham direito decidir sobre as questões referentes ao próprio corpo. Essa situação representada obra, do próprio sentimento de culpa e de vergonha que Lucrecia sente, funciona também como uma espécie de punição por ter tomado essa decisão. Ou seja, deveria sofrer por não querer ter um filho, o que é absurdo, e representa não somente o medo da punição legal, pois o aborto era considerado crime pela legislação de Somoza. Mas também de sofrer uma punição moral, devido o medo de ser repreendida pela sociedade. Embora a situação vivida por Lucrecia não fosse algo incomum da época, como é descrito na obra.

Portanto, pode-se dizer que Lucrecia representa as mulheres jovens e pobres que não tinham acesso à educação e trabalhavam em serviços domésticos ou em condições de exploração, como no caso da prostituição, e que passavam por situações como a relatada pela personagem: de gravidez indesejada, a não responsabilização do pai e conseqüentemente a realização do aborto.

A partir do exposto por Zimmerman, essas desigualdades na Nicarágua eram expressas principalmente nas questões relacionada à saúde das mulheres. Uma vez que “as mulheres ricas pagavam para fazer abortos seguros em clínicas de Manágua, ou voavam a Miami, mas as mulheres pobres sofriam e morriam por causa de abortos auto induzidos ou provocados” (ZIMMERMANN: 2006, p. 126). Por esta razão, houve a discussão da legalização do aborto promovido pela Amnlae, como foi abordado no capítulo anterior. Desse modo, o trecho da obra representa essa situação presente no cotidiano das mulheres, principalmente das mais pobres, podendo, portanto, ser considerada como uma pauta que mobilizou essas mulheres.

A terceira personagem trata-se de Flor, que Lavínia conhece após ajudar Sebastian, um integrante movimento. Flor é descrita na obra como uma “mulher de aproximadamente

trinta anos, cabelos escuros e ondulados até os ombros, seus traços eram morenos e finos e tinha uma fisionomia de enfermeira severa” (BELLI: 2000, p. 93). Ela era uma companheira do movimento, e quem também socorre Lucrecia. Em que se é possível inferir que embora, essas mulheres vivessem em “realidades” totalmente distantes, foram essas pautas em comum que uniram essas mulheres para lutarem pelos seus direitos. Flor era origem pobre e camponesa, ainda na infância foi levada de casa por um tio, que quando atingiu a certa idade, explorou sexualmente:

O tio dela a levava do rancho perdido na montanha, onde morava com sua mãe e seus irmãos analfabetos, para ‘educá-los’ na cidade. Era um homem que fez fortuna durante o apogeu do café, solteirão e tarado. ‘Levou-a em viagens para o exterior, para conhecer museus e pessoas inquietas e extravagantes’. Adotou-me, ‘praticamente’ dizia Flor, ‘mas não com boas intenções’. Ela já tinha notado como olhava quando, no começo da adolescência, a observava a tomar banho no rio. ‘Esperou que eu crescesse para me tornar sua amante’ (BELLI: 2000, p. 114 - 115).

O que é um relato de uma situação de exploração sexual, que não é aprofundado pela autora na obra, que apenas cita, mas não aborda muito a parte das violências e abusos sexuais sofridos por essas mulheres. Ou seja, a situação de objetificação dos corpos dessas mulheres é mencionada, mas não de forma explícita. O que de certo modo, é um modo problema, pois não fica compreensível num primeiro momento, as violências que essas mulheres estavam expostas.

Durante o período que estive na universidade, conheceu Sebastian que lhe apresentou o movimento. A partir do seu engajamento político, ela saiu da casa do tio para lutar contra essas e outras formas de dominação. Flor, segundo Bisherú Medel é a “*personaje que representa a peculiar fortaleza feminina dentro de la historia*” (BISHERÚ: 2011, p.70).

Essas situações uniram Flor e Lavínia, que estabelecem uma relação de amizade, em que Lavínia vê Flor como uma referência. Flor é quem apresenta o movimento para Lavínia, como é mencionado no seguinte trecho da obra, em que recebe as informações sobre a história do Movimento:

Devia cuidar dos panfletos. Se a descobrissem [sic], podia ser presa, tinha dito Flor, entregando-lhe vários panfletos impressos em um mimeógrafo: a história do Movimento, seu programa e estatuto, as medidas de segurança (não faria mal que as conhecesse – disse – principalmente por sua

experiência com o que aconteceu com Sebastian). Depois de lê-los, Lavínia deveria devolvê-los a Flor (BELLI: 2000, p. 117).

Flor ainda explica para a personagem de Lavínia que:

(...) o Movimento não era - e assim Sebastian lhe dizia constantemente - um grupo de 'terapia psicológica'; que não se devia ver como um mecanismo para se ter algo 'pelo que viver'; finalmente conseguiu não só se reconciliar consigo mesma, mas também assumir uma responsabilidade coletiva. 'Mas para que nenhuma mãe camponesa tenha que 'dar de presente' seus filhos, para parentes ricos, acreditando que só assim conseguirá que eles sejam alguém', disse (BELLI: 2000, p. 115).

Ou seja, o movimento tinha um compromisso com as camponesas e trabalhadoras, para que não tivessem seus filhos e filhas retirados de si, por ser a única possibilidade de sobrevivência. Flor representa assim, as mulheres camponesas que ingressaram no movimento como forma de libertação das violências e pobreza em que conheceram desde infância. Nesse trecho fica exposto pela autora que grupo que tinha um projeto político e um objetivo a ser realizado e que esse projeto passava por assumir uma responsabilidade individual e coletiva.

Ao longo da obra, se pode inferir que a autora representa não somente a vida dessas mulheres, mas também os sonhos e as utopias que motivaram os movimentos revolucionários desse período:

Seria lícito sonhar assim? perguntou-se, recriar-se o mundo e refazê-lo do nada? (...) como no Programa do Movimento, na qual se falava com tanta segurança de todas as coisas inatingíveis que se deviam alcançar: a alfabetização, saúde grátis e digna para todos, moradias, reformas agrária (real, não como no programa do Grão General); emancipação da mulher (e Felipe?, pensou, e os homens como ele, revolucionários porém machistas? pensou o fim da escuridão, o fim da ditadura.) (...) Diziam isto: 'o fim da escuridão seria o fim da ditadura' (BELLI: 2000, p. 122).

Além disso, em outro trecho é sinalizado também o pensamento que influenciou a ação desses grupos revolucionários das décadas de 1960 e 1970. Em que também pode-se inferir que esses grupos partiram do entendimento de que a única forma de combater a violência do regime ditatorial, seria através da "violência do oprimido contra o opressor como forma de libertação" (FANON: 1968, p. 44). Como ainda é representado no trecho em que se podem inferir as influências do pensamento de Fanon:

(...) Lavínia sentou-se na cadeira de balanço, balançando e acendendo um cigarro para dar tempo de Flor voltar com o café. Olhou as estantes de livros: Madame Bovary, Os condenados da Terra, O jogo da amarelinha, A náusea, Mulher e vida sexual... títulos conhecidos e desconhecidos... Leituras pouco frequentes para uma enfermeira. Quem seria essa mulher? perguntou - se (BELLI: 2000, p. 113).

Posto isso, se pode inferir que os ideias de uma profunda transformação da sociedade orientaram as ações desses militantes, que também devido a conjuntura e o contexto revolucionário das décadas de 1960 e 1970, a única forma de ação seria a violência política. Como é mencionado num outro trecho da obra:

Depois Sebastian continuou explicando como a violência não tinha sido uma opção, mas sim uma imposição; a de um sistema injusto, que só poderia ser mudado com uma longa luta de todo o povo. Não se tratava de vender sonhos a curto prazo, nem de mudar pessoas. Perseguiam-se mudanças mais profundas. Nada de ilusões de fim de regime que perpetuassem o estado das coisas (BELLI: 2000, p. 365).

As ideias de uma revolução feita a partir do povo, e da violência do oprimido contra o opressor como legítimas, passam a integrar a mentalidade desse movimento relatado na obra. Da mesma forma que é apresentada por Bisherú Medel, a violência dos oprimidos era entendida como a única forma de enfrentar a violência do próprio regime ditatorial:

La represion fue tan indiscriminada y brutal que una de las pocas formas de salvar la vida fue arriesgarla, ya fuera combatiendo o colaborando, y la única forma de conseguir un futuro pacífico y humano era derrotar a Somoza por la vía militar (BISHERÚ: 2011, p.41).

Embora estivessem conscientes das responsabilidades que assumiam, ainda em momentos também tinham medo. Esse medo deveria ser “substituído” pelo compromisso coletivo. Como no trecho, em que é expressa por Flor, quando descobre que deve passar para clandestinidade:

Quando me disseram que devia passar para a clandestinidade, senti medo. (...) Não há muitas mulheres clandestinas, sabe? É um reconhecimento que podemos partilhar e assumir responsabilidades da mesma forma que qualquer um. Mas, como mulher você enfrenta uma nova tarefa, sabe que também deve enfrentar uma luta interna; uma luta para convencer a si mesmo das próprias capacidades. Teoricamente sabe que deve lutar por iguais posições de responsabilidades; quando você já tem responsabilidade, deve perder o medo de exercê-la..., e, também, cuidar muito bem para não mostrar, pelo simples fato de ser mulher, o outro medo (BELLI: 2000, p. 241).

Flor sabe da importância das mulheres nesses espaços, atuando como combatentes, porém reconhece o medo, que não estava relacionado somente aos medos de ser torturada e morta pela Guarda Nacional. Mas também o medo de “não conseguir” exercer sua função na ação, devido à condição de julgamento que as mulheres estão expostas cotidianamente. Ou seja, duas batalhas eram travadas, como afirma Vanessa Cavalcanti, em que a:

Idéia de que a ação de liberação patrocinada pelo movimento feminista iria alcançar as esperanças revolucionárias de mudanças sociais mais amplas, atingindo todas as classes, sexo e etnias, também foi responsável por momentos de grande controvérsia. Isso se deve ao fato de que a experiência herdada e vivenciada pelas mulheres em relação à limitação de ‘igualdade de direitos’, da marginalização dentro dos movimentos esquerdistas e predominantemente dominados por homens, acaba sinalizando mais do que uma frente de batalha (CAVALCANTI: 2005, p. 258).

Ainda que o programa histórico do movimento apresente um discurso contra a discriminação e a desigualdade entre homens e mulheres, houve certa resistência entre os próprios homens da organização, para colocar a teoria em prática. Como é relatado por Belli, através do diálogo de Lavínia e Sebastian, um companheiro do movimento:

(...) O movimento, em seu programa, estabelece a libertação da mulher. De minha parte, eu tento evitar a discriminação das companheiras. Quando se coloca homens e mulheres em um aparelho, as mulheres assumem o trabalho doméstico sem que ninguém tenha ordenado, como se fosse natural. Depois pedem aos homens a roupa suja (...) (BELLI: 2000, p.192).

Diante disso, podemos inferir que embora no programa orientador do movimento estivesse como um dever da revolução a emancipação da mulher, por vezes os próprios companheiros do movimento reproduziam práticas e comportamentos machistas.

Em outro trecho da obra Lavínia também menciona o medo de ser mulher e ser presa pela repressão, o medo do estupro, que era utilizado pela Guarda Nacional como forma de uma dupla punição (MORAES: 2012, p. 110). Desse modo, a autora relaciona o medo que essas mulheres de serem perseguidas, torturadas e mortas pela ditadura:

Sebastián tinha sido descoberto pela Guarda Nacional. Vararam a tiros a casa onde ele estava. Conseguiu sair pulando cercas e muros. Outros três companheiros morreram... Silêncio. O que podia fazer?, pensou Lavínia; havia cautela no olhar de Felipe. Ela não podia reagir. Teria gostado de sair correndo. A ideia da polícia seguindo seus passos a aterrorizava. Sabia-se de sobra os métodos que usavam; a tortura, o vulcão... Ela era mulher.

Imaginou-se sendo estuprada nas masmorras do Grão General (BELLI: 2000, p. 65).

Logo, esses dois trechos da obra apontam para os medos internos que viviam essas mulheres combatentes ao assumir essa responsabilidade, como se elas não pudessem falhar, pois, a falha poderia ser vista como fraqueza. O que revela a dimensão de dualidade da luta dessas mulheres, que combatiam num primeiro momento o regime ditatorial e as violências específicas de gênero cometidas por ele, mas também de “combater” os medos provocados pelas desigualdades entre homens e mulheres dentro das próprias organizações revolucionárias que diziam lutar pela emancipação da mulher. Esse medo se faz presente, ainda dentro da própria organização, ou seja, embora as mulheres ocupassem as mesmas posições e realizassem os mesmos trabalhos, o medo em ser julgada pelo fato de ser mulher ainda era presente.

A história narrada para Gioconda Belli aborda as questões referentes à dominação patriarcal, as violências sofridas pelas mulheres. Porém essas mesmas questões não são muito aprofundadas pela autora. Sendo que, por vezes, a mesma acaba por reforçar esses estereótipos, como no caso das personagens de Lucrecia e Sara ambas que apresentam dois lados opostos do que era ser mulher na Nicarágua dos anos 1960 a 1980. De um lado a pobreza e a exposição direta as violências. De outro uma vida numa redoma em que maiores preocupações são com as coisas do lar. Apontado assim para uma imensa desigualdade entre esses dois mundos. Essas duas personagens também são “alijadas” da participação política, o que se pode inferir que a autora de certa forma representa que nem todas as mulheres participaram da resistência.

De outro modo, tem-se Lavínia e Flor, que representam as mulheres que ingressaram o que a autora chama na obra de Movimento de Libertação Nacional. Em que se pode inferir que é uma referência a Frente Sandinista de Libertação Nacional. Uma que representa às jovens que eram das classes burguesas que entraram para o movimento sandinista, a outra uma jovem de origem camponesa que ingressou no movimento como forma de libertação da dominação patriarcal, da violência e da pobreza que conheceu desde cedo. Dessa forma essas duas personagens representariam as mulheres de classes sociais distintas que formavam as mulheres sandinistas: em parte as mulheres camponesas, em outra parte as mulheres burguesas da oposição ao regime. Em que a autora ainda menciona que, num primeiro

momento que uniu essas mulheres foi o projeto de libertação nacional, e a ideia de uma construção de “um relacionamento novo entre homens e mulheres” (BELLI: 2000, p. 231), que expressam os ideais feministas compartilhados pelas mulheres durante as décadas de 1960 a 1980.

Embora vivessem numa constante situação de tensão, houve um estabelecimento de um relacionamento de companheirismo entre essas mulheres. Em que o rompimento dessas relações, devido ao desaparecimento, prisão ou período de clandestinidade é marcado por um grande sentimento de perda. Esse sentimento é expresso na obra, quando Flor anuncia a Lavínia que realizaria uma “viagem”, termo utilizado para fazer referência à clandestinidade:

Estes momentos são sempre difíceis - disse - De alguma maneira são como despedidas, por que nem sempre temos o otimismo necessário para isso. Não deveríamos nem você nem eu, nos despedir com a ideia de que talvez não voltemos a nos ver, mas isso também é o que se sente... Além disso, há uma possibilidade real, embora também seja real a possibilidade de que voltaremos a nos ver (BELLI: 2000, p. 240).

Diante disso, embora esses militantes compartilhassem os sonhos e utopias do projeto revolucionário eles também compartilhavam os medos e incertezas que adivinham ao assumir essas escolhas políticas. Em que se pode inferir que, o ideal de construir uma nova sociedade, estava em primeiro plano, ainda que houvesse o medo da repressão. Esse compromisso que moveu esses jovens foi o de “Pátria livre ou morte”, que expressa, portanto, o desejo de libertação de seu país da dominação imperialista. Ainda fosse necessário abrir mão da própria vida, como ocorre com Lavínia.

Na obra, a personagem Lavínia, inicia no movimento como colaboradora e depois militante. Lavínia realiza apenas a função de transportar objetos, pessoas, informações do movimento. Algo semelhante que ocorre com Gioconda Belli, em sua obra autobiográfica, “O país sob minha pele”, relata que contribuiu indiretamente com essa ação do movimento. No capítulo 18, “De como voltei a ver Marcos e participei da preparação de um comando” (BELLI: 2002, p.120), a autora narra como foi sua participação durante a operação que é representada na obra “A mulher habitada”. A partir disso, é possível inferir que à personagem Lavínia, que exerce esse mesmo papel durante os primeiros capítulos da obra, o de

“colaboradora da resistência”, seria uma forma de rememoração das próprias experiências da autora enquanto seus anos iniciais de engajamento na FSLN.

Lavínia assume o posto numa operação, porque trabalhou no projeto da casa em que seria realizada a ação. Operação cujo objetivo adentrar a casa do General Vela, um dos homens de confiança do governo do Grão General¹⁰, para negociação de presos políticos e a divulgação do programa do movimento nos meios de comunicação. A ação era composta por um comando formado por treze integrantes do movimento, cinco mulheres e oito homens (BELLI: 2002, p.360). No livro, Flor e Lavínia ocupavam respectivamente a posição número um e doze. Em que apresenta no seguinte trecho, os objetivos dessa ação realizada pelo movimento:

A operação, disse, era só o início de outra etapa. Propunha-se aliviar a pressão sobre os companheiros da montanha, isolados e perseguidos fazia meses; abrir outras frentes. Finalmente explicou as exigências que seriam feitas: a liberdade dos presos políticos; a divulgação, em todos os veículos de comunicação, de comunicados explicando à população os motivos da ação: as exigências inegociáveis com o comando. Era uma operação, disse, ‘Pátria Livre ou Morrer’. Sem retirada. Ou saíam vitoriosos, ou morriam (BELLI: 2002, p.365).

A ação representada na obra foi à operação realizada no dia 27 de dezembro de 1974, pelo grupo de orientação da frente terceirista da FSLN. Essa operação marcou o a saída do anonimato da FSLN, que durante os anos de 1972 a 1974, que passou por um processo de reorganização, após forte repressão somozista e o terremoto em Manágua em 1972 (ZIMMERMANN: 2006, p. 71).

O comando “*Juan José Quezada*” (RANDALL: 1982, p.70) era formado por quinze membros da FSLN, e teve a participação de três mulheres na ação (ZIMMERMANN: 2006, p. 71). A operação consistia-se em adentrar à casa do ex-ministro da agricultura da Nicarágua, José María Chema Castillo, durante uma celebração de fim de ano, com a presença de autoridades nacionais e estrangeiras, como ministro da defesa, o embaixador de plantão norte-americano e o cunhado de Somoza, Guillermo Sevilla Sacasa e negociação da

¹⁰ Referente a Anastásio Somoza.

libertação dos presos políticos (ZIMMERMANN: 2006, p. 71). A operação ficou conhecida como Assalto Histórico a Casa de Chema Castillo¹¹, que resultou:

Na liberdade de mais de meia dúzia de presos sandinistas, alguns já estavam no cárcere; o pagamento do resgate de um milhão de dólares, a transmissão de dois manifestos por rádio e televisão e passagens seguras para Cuba para os que haviam participado da invasão e libertado os prisioneiros (ZIMMERMANN: 2006, p. 71).

Como ainda é apresentado por Margaret Randall, em entrevista realizada com a filha de José Maria Castilho, Marisol Castilho que presenciou o ocorrido juntamente com sua mãe, seu irmão e suas irmãs:

Marisol tinha 18 anos naquele 27 de dezembro de 1974, quando, numa festa oferecida por seus pais ao embaixador norte americano de plantão, um comando sandinista interrompeu em sua casa. (...) Viveu a experiência da morte de seu pai e, com o tempo, pôde compreender que tinham tido à necessidade de matá-lo, porque ofereceu resistência a operação (RANDALL: 1982, p. 235).

Na obra o término dessa ação é dado com a morte do General Vela, personagem do romance que representa o ex-ministro, o que de fato aconteceu. Porém não ocorreu à morte de nenhum membro da FSLN, que saiu vitoriosa da ação.

Na narrativa produzida por Gioconda Belli, Lavínia morre também, pois representa o ideal de lutar por uma pátria livre ou morrer lutando, como é relatado no livro. Sendo, portanto, a forma com que a autora realiza o desfecho da obra e também expressa de um modo artístico, o ideal moveu esses jovens revolucionários nesse período.

Portanto, a produção de uma obra artística, passa a ser política e torna-se uma forma de reconhecimento das ações do movimento. Essa produção pode atuar também, como uma forma de construção da imagem do movimento sandinista, criando uma imagem “heróica” capaz de justificar tais escolhas políticas, e também apresenta as mulheres protagonistas desse processo.

Uma vez que “marcar um passado é dar lugar aos mortos; mas é também um modo de subliminar de redistribuir os espaços dos possíveis e indicar um sentido para a vida... dos

¹¹ Disponível em:
<http://www.lavozdelsandinismo.com/nicaragua/2013-12-28/nicaragua-conmemora-la-toma-de-la-casa-de-chema-castillo/>

vivos” (CATROGA: 2001 p.56), a produção de um romance histórico a partir das memórias da autora constituem uma forma de não esquecimento desse passado. Ainda a partir do que é defendida por Elizabeth Jelin, a ideia de que “*esas memorias y esas interpretaciones son también elementos clave en los procesos de (re)construcción de identidades individuales y colectivas en sociedades que emergen de periodos de violencia y trauma*” (JELIN: 2001, p. 5). Dessa forma a literatura de testemunho constitui não somente um modo de compilação das memórias de eventos traumáticos, mas também da capacidade de exercer um papel na formação da identidade de uma coletividade, porque como afirma Seligman, “ele aglutina uma população, etnias e classes em torno de uma mesma luta”(SELIGMANN: 2005 p. 91). Como ainda é ressaltado por Jelin:

La memoria tiene entonces un papel altamente significativo, como mecanismo cultural para fortalecer el sentido de pertenencia a grupos o comunidades. A menudo, especialmente en el caso de grupos oprimidos, silenciados y discriminados, la referencia a un pasado común permite construir sentimientos de autovaloración y mayor confianza en uno/a mismo/a y en el grupo (JELIN: 2001, p. 9).

Assim, a obra analisada pode ser considerada como de uma produção literária capaz de atuar na formação das memórias da sociedade nicaraguense, através da representação da mulher como da combatente e também do próprio movimento sandinista. Ou seja, se pode inferir que um dos objetivos da autora é apresentar as mulheres como protagonistas desse processo, rompendo a ideia de uma suposta de submissão e passividade que é associado as mulheres na história, como afirma Bisherú Medel:

La lucha política y armada para derrocar un sistema de gobierno opresor es sin duda trascendente, pero la voz narrativa de La mujer habitada también resalta la importancia de la lucha todavía larga contra una visión cultural que ha naturalizado la subordinación femenina (BISHERÚ: 2011 p.70).

A partir das perspectivas das mulheres, Gioconda Belli relata não somente os desafios e sonhos políticos que motivaram o engajamento na resistência, mas também as aspirações profundamente ligadas a uma ideia de transformação total da sociedade e do indivíduo. Assim como os medos e os ideais que motivaram esses jovens a ingressarem no movimento sandinista.

Todavia, como menciona a própria Gioconda Belli em sua obra autobiográfica *O país sob minha pele: memórias de amor e de guerra*, “os sonhos foram se transformando em pesadelos” (BELLI:2002, p. 349), porque após a tomada do poder pela FSLN em 1979 o projeto revolucionário não foi consolidado. Restaram apenas as tentativas de construção de uma narrativa desse passado marcado pela guerra, pela violência, pela opressão, mas também pela capacidade de organização, resistência, que marcaram os grupos revolucionários desse período.

Portanto, é possível inferir que a produção de uma obra literária a partir das memórias de uma sobrevivente da ditadura de Somoza, constitui também uma forma de relatar as experiências enquanto mulher e militante nesse período. Esse relato, também é uma produção intelectual que atua no campo da formação do imaginário coletivo sobre o fato. Ou seja, a obra passa a ocupar uma forma produção de uma memória coletiva sobre o que foi à ditadura somozista e como ocorreu à resistência sandinista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra representa, sob a perspectiva de uma mulher, a conjuntura da Nicarágua durante os anos de 1960 a 1970. Apresenta as desigualdades, injustiças e opressões do regime ditatorial, que levaram as mulheres nicaraguenses a se engajarem nos movimentos de resistência. A ideia passividade, submissão, silenciamento são questionadas a partir da inserção das mulheres na luta política, como é representada na obra.

Após a queda do regime militar, houve uma grande produção de narrativas sobre esse acontecimento. À medida que essas narrativas foram construídas, também se formou uma identidade sandinista, a partir das memórias de uma de uma mulher que participou do processo revolucionário que resultou na queda da ditadura de Somoza. Sendo importantes para a construção de uma memória coletiva, a respeito desse evento e também é de certo modo uma representação do ideal revolucionário que motivou esses movimentos durante as décadas de 1960 até 1980.

Portanto, há uma intencionalidade na produção dessas memórias referentes a Revolução Sandinista e de seus agentes. Uma produção literária elaborada a partir das memórias uma ex-combatente, constituem um processo de tentativa de reorganização (CATROGA:2001, p. 57) das lembranças a partir experiência individual constituída em um tempo e um lugar. Logo, a produção de um romance histórico a partir das memórias da autora constitui uma forma de não esquecimento desse passado traumático, mas também do não esquecimento da ação das mulheres enquanto combatentes.

A produção literária também nos permite uma aproximação com a sociedade nicaraguense da época, que conflitos, utopias, valores estavam presentes no cotidiano dessas mulheres, e de que forma esses fatores contribuíram para o um engajamento político. Do mesmo modo, permite uma aproximação com o que “pensavam” ou o que motivaram esses jovens ao entrarem para esses movimentos, sendo portando uma obra importância para que a própria ação histórica desses militantes não seja esquecida, principalmente no que diz respeito à atuação das mulheres.

Portanto, obra analisada trata-se de uma tentativa de não esquecimento das experiências vividas durante as primeiras fases do movimento sandinista. Ao mesmo tempo de promover um imaginário sobre o que foram esses anos de resistência antes da queda do regime. As memórias da autora enquanto militante da FSLN atribui a narrativa certa legitimidade e autoridade, pois representa a perspectiva da autora da luta contra um regime ditatorial, e o direito de contar as próprias memórias, portanto, disputa a narrativa sobre esse acontecimento. Como afirma Brisheru Medel, escrever uma obra literária nesse sentido trata-se de uma:

(...)“recuperação de la voz de las mujeres en sociedades donde ha sido relegada a ámbitos privados, o incluso silenciada en muchos momentos de la historia – por ejemplo en el campo da literatura - , se dan en numerosas escritoras que assumen el poder da palabra y elaboran narrativas originales que ofrecen versiones alternas, en este caso de regímenes dictatoriales vividos en las décadas de los setenta y ochenta em Latinoamérica. Es decir, las escritoras han propuesto también otras formas de pensar em tema da memória desde versiones alternativas que se ha tentado excluir; buscan com insistencia y exigen um pugar para serem leídas y interpretadas, también desde los márgens, que lo van siendo cada vez menos (BISHERÚ: 2011, p. 61).

Logo, o romance histórico “A mulher Habitada”, produzido pela escritora nicaraguense Gioconda Belli é uma obra grande relevância, pois representa as vozes silenciadas historicamente. Além de permitir uma aproximação com o cotidiano vivido por essas mulheres que lutaram por contra o regime ditatorial e lutaram também por seus direitos. Nessa perspectiva, a narrativa construída por Belli, apresenta as mulheres como protagonistas desse acontecimento, sendo uma produção necessária para relatar a atuação das mulheres durante a Revolução Sandinista e para que essa participação não seja esquecida ou apagada da história.

FONTES

BELLI, Gioconda. *A mulher habitada*. Tradução de Enrique Boero Baby. Rio de Janeiro, Record, 2000.

BELLI, Gioconda. *O país sob minha pele: memórias de amor e de guerra*. Tradução de Ana Carla Lacerda. - Rio de Janeiro, Record, 2002.

Programa Histórico da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) - 1969. Disponível em: <<http://www.cedema.org/ver.php?id=3399>>.

RANDALL, Margareth. *Estamos todas despertas*. Tradução: Beatriz A. Cannabrava e Maria Angélica Trajber. São Paulo. Editora Global, 1982.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSALDI, W; GIORDANO, V. *América Latina, la construcción del orden: de la colonia a la disolución de la dominación oligárquica*. Buenos Aires: Ariel, 2012.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: As esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2000.

BETHELL, L; ROXBOROUGH, I. *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1996.

BISHERÚ, Bernal Medel. *Escrituras que trazan memorias: La mujer habitada de Giodonda Belli y La travesía de Luisa Valenzuela*. México DF: Editorial Universidad Autónoma de México, 2011.

CATROGA, Fernando. *História e memória*. Org. Sandra Jatahy Pesavento - Porto Alegre. Editora Universidade/ UFRGS, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Prefácio de Jean Paul Sartre. Tradução de José Laurêncio de Melo. SBD-FFCLH-USP. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1968.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Siglo XXI de España Editores S.A. En coedición con Social Science Research Council. Madrid, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo, 1990. Editora Revista dos Tribunais.

SEBRIAN, Raphael Nunes Nicolleti. *Pela pátria e pela liberdade: A Nicarágua e o Sandinismo no séc. XX*. Org. Marcela Cristina Quinteros; Luis Felipe Miguel Moreira. As revoluções na América Latina Contemporânea. Maringá, PR. UEM-Programa de Pós-Graduação em História, 2016.

ZIMMERMANN, Matilde. *A revolução nicaraguense*. Tradução: Maria Silva Mourão Netto. São Paulo. Editora UNESP, 2006.

PEREIRA, Nelci Bilhalva. *A literatura de testemunho sobre Shoah em Primo Levi*. 2017,126. Dissertação (Mestrado em Letras Licenciatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, GO - 2000.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Mulheres em ação: Revoluções, Protagonismos e Práxis dos séculos XIX e XX. *Revista de Pós Graduados em História - PUC-SP*, São Paulo, v. 30; jan/ jun. 2005. Acesso em 02 de dezembro de 2018.

CROGUENNEC-MASSOL, Gabrielle. Mujer comprometida, mujer guerrillera en Línea de fuego de Gioconda Belli. *Revue Miroirs*. Vol.1 nº 4, 2016. Acesso em 02 de novembro de 2018.

PLAZA, Penélope (2010). Madre armada y niño. Representação da Mulher Nova nos quadros da Revolução Sandinista na Nicarágua. *Apuntes: Revista de Estudios sobre Patrimonio Cultural - Journal of Cultural Heritage Studies*. vol. 23, nº 1. Bogotá: Instituto Carlos Arbeláez, Pontificia Universidade Javeriana, ENE-JUN 2010. Acesso em 05 de novembro de 2018.

MORAES, Maria Lygia Quartim. Feminismos e política dos anos 60 aos nossos dias. *Revista de Estudos de Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara*. V. 17, nº 32, 2012, p. 107 - 121 p. 110. Acesso em 08 de novembro de 2018.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). *Matraga, Revista do Programa de Pós Graduação em Letras da UERJ*. Rio de Janeiro, v.19, n.31, jul./dez. 2012. Acesso em 06 de Novembro de 2018.

SELIGMANN, Márcio. O testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Revista de Pós Graduados em História PUC-SP*, São Paulo, v. 30; jan/ jun. 2005. Acesso em 06 de novembro de 2018.

SWAIN, Tânia Navarro. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. Dossiê as múltiplas faces da violência – *Revista Unimontes Científica*, Montes Claros, v.6, n.2 - jul./dez. 2004. Acesso em 08 de novembro de 2018.

Comissão Nacional dos Bispos do Brasil, 50 anos de Medellín. Dom Demétrio Valentin, Bispo de Jales. 26 de Maio de 2018. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/50-anos-de-medellin/>>. Acesso em 02 de outubro de 2018.

Gioconda Belli. Biografia. Disponível em: <<https://giocondabelli.org/biografia/>>. Acesso em 28 de Novembro de 2018.

La voz del sandinismo. 23 de dezembro de 2013. Disponível em: <www.lavozdelsandinismo.com/nicaragua/2013-12-28/nicaragua-conmemora-la-toma-de-la-casa-de-chema-castillo/>. Acesso em: 02 de Outubro de 2018.

Nicarágua Actual. Leonardo Arguello. Eduardo Cruz. 18 de Março de 2018. Disponível em: <<http://www.nicaragua-actual.info/arguello.html>>. Acesso em 12 de outubro de 2018.